



A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar

Conjuality in the Different Stages of the Family Vital Cycle

Daiane Wiltgen Tissot
Denise Falcke

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo

A conjugalidade é um fenômeno dinâmico, que sofre alterações ao longo do ciclo vital. Nesse estudo objetivamos comparar como se expressam amor, qualidade e ajustamento conjugal nas diferentes etapas do ciclo evolutivo vital, em 372 pessoas, de ambos os sexos, residentes no Rio Grande do Sul. Como instrumentos, utilizamos: GRIMS, DAS e ETAS. Verificamos nas famílias com filhos crianças (0 a 11 anos) os piores escores nos construtos investigados, e nas famílias com filhos adolescentes (12 a 21 anos) os melhores resultados. Os dados encontrados corroboram a literatura, que discute que o tempo de relacionamento gera variações na percepção de satisfação conjugal, bem como a constatação de que as demandas dos filhos, principalmente pequenos, impactam a construção conjugal. Tais achados remetem à necessidade de trabalhos preventivos com olhar sistêmico, de modo a tornar as famílias mais hábeis para lidar com suas crises do desenvolvimento.

Palavras-chave: **Relações conjugais; Ciclo vital familiar; Psicologia sistêmica**

Abstract

The conjuality is a dynamic phenomenon that changes over the life cycle. In this study, we aimed to compare how love, marital quality and adjustment are expressed in the different stages of the vital evolutionary cycle, in 372 people, of both sexes, residing in the Rio Grande do Sul. As instruments, we use GRIMS, DAS and ETAS. We verified in families with young children (age from 0 to 11) the worst results in the investigated constructs and in the families with teenager children (age from 12 to 21) the best results. The data corroborate the literature, which discusses that the relationship time generates variations in the perception of marital satisfaction, as well as the finding that the demands of the children, especially small ones, impact the marital construction. These findings point to the need for systemic approach preventive work, in order to make families more adept at dealing with their developmental crises.

Keywords: Marital Relations; Family Life Cycle; Systemic Psychology

Introdução

O conhecido mito “*e viveram felizes para sempre!*” faz parte da romântica visão sobre o relacionamento conjugal como algo capaz de encerrar a solidão do indivíduo ou eventuais conflitos familiares, já que representa uma passagem para nova vida. Saindo do conto de fadas, entretanto, tornar-se casal não se mostra tão simples e mágico, ao contrário: representa um processo muito complexo de mudanças e adaptações, envolvendo a necessidade de negociações e decisões cotidianas que podem ameaçar o sonhado “*sossego*” em uma relação estável (Carter & McGoldrick, 1995/2007).

Como forma de compreender as mudanças presentes nas relações estáveis, Marli Sattler, Laíssa Eschiletti, Laura de Bem e Márcia Schaefer (1999) descrevem, baseadas na literatura, algumas fases que consideram inerentes à conjugalidade: inicialmente, estão presentes os componentes da paixão, que envolvem idealizações do outro e do casal como sendo um só indivíduo, incluindo obstáculos na percepção das dificuldades de cada um. Após algum tempo, os cônjuges passam a perceber o outro como ele é, sua complexidade, gerando uma experiência de desapontamento e divisão. Se o casal consegue passar por essa fase, despertando para as ilusões e conseguindo enxergar a relação como ela é, tende a alcançar maior estabilidade relacional, através do estabelecimento de expectativas mais reais e claras sobre o cônjuge, e sobre a sua própria individualidade. A partir desse momento, pode ocorrer um distanciamento que culmine em separação, ou uma resignificação da relação, tornando o casal mais comprometido mutuamente com um futuro juntos. A vivência dessas fases como voltadas à separação ou ao fortalecimento da relação está relacionada à capacidade da dupla em gerenciar o estresse do cotidiano (Sattler et al., 1999).

Os motivos que levam uma pessoa a escolher outra para viver uma relação conjugal, identificados em uma revisão teórica por Kamêni Rolim & Maria Isabel Wendling (2013), são o amor, o desejo e a busca pela felicidade e conforto, muito influenciados pelos estilos de vínculo vivenciados ao longo da vida. O contexto atual, conforme trazem as autoras, é marcado por uma fragilidade nas relações conjugais, pois os cônjuges, influenciados pe-

la sociedade de consumo, tendem a não investir amorosamente nos relacionamentos como outrora ocorria.

No intuito de buscar informações sobre os componentes do amor influentes na qualidade conjugal, Ana Leticia Rizzon, Clarisse Mosmann e Adriana Wagner (2013) encontraram em sua amostra que a relação conjugal, com média de 10 anos de duração, foi mais valorizada pelas pessoas que se sentiam satisfeitas e comprometidas, sendo que maiores níveis de satisfação conjugal foram encontrados em casais que apresentaram maiores escores em termos de decisão/compromisso, intimidade e paixão, e com maiores níveis de escolaridade. Entretanto, o compromisso com o relacionamento era visto por eles como elemento essencial, preponderante à intimidade e paixão. As autoras discutem que esse elemento é o mais consciente, e que as pessoas costumam avaliar sua relação de acordo com a estabilidade, mais do que em termos da gratificação que recebem dela. Porém, questionam se os casais não estariam utilizando essa decisão/compromisso como compensação à carência em termos de intimidade, que é o que proporciona, para elas, maior solidez à relação. Ressaltam, ainda, a singularidade de cada díade, onde a qualidade será determinada por vários elementos, dentre os quais, também, a forma com que cada dupla reage a entres da vida e da própria relação (Rizzon et al., 2013).

A qualidade conjugal pode ser definida como uma construção dinâmica dos casais, através de aspectos multidimensionais e interativos, que influenciam a avaliação que ambos os cônjuges fazem sobre suas vivências na relação (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). Por conta dessa complexidade, conforme apontam Fábio Scorsolini-Comin e Manoel dos Santos (2010), a partir de uma revisão da literatura da área, é difícil conceituar o que torna um relacionamento conjugal satisfatório, já que é um tema envolto em subjetividade, além de ser influenciado por muitas outras variáveis. Algumas, apontadas por Nicolau Pergher (2010), são os motivos que levaram o casal a iniciar o relacionamento, o histórico de relacionamentos anteriores, como funciona a divisão financeira, as diferenças de idade e culturais entre os parceiros, o grau de intimidade do casal, bem como suas práticas sexuais, os padrões de interação, a

existência de fontes exteriores de reforçamento da relação, o impacto de traições, efeitos de doenças, planos de vida do casal, aspectos relacionados à separação e as decisões sobre os filhos.

Além disso, Isabel Narciso e Maria Emília Costa (2001) sugerem o olhar para a satisfação conjugal como “um jogo dinâmico de pólos opostos” (p. 192), onde existem, invariavelmente, aspectos de satisfação e de insatisfação que demandam atenção sem que haja uma idealização utópica. Em referido estudo, evidenciou-se que as maiores proporções de percepções positivas em relação às negativas indicam satisfação conjugal, tomando-se esse conceito como o resultado de um processo subjetivo e pessoal de avaliação da relação (Narciso & Costa, 2001).

Da mesma forma, o conceito de ajustamento conjugal também representa uma amplitude qualitativa. José Augusto Hernandez (2008), buscando uma definição representativa do que foi produzido pela ciência até os anos 70, o caracteriza como um processo envolvendo “o grau das diferenças diádicas incômodas, das tensões interpessoais e da ansiedade pessoal, da satisfação diádica, da coesão diádica e do consenso diádico sobre matérias importantes para o funcionamento da díade” (p. 594). O resultado dessa interação não é estático, podendo estar direcionado na linha de bem-ajustado a desajustado, de acordo com a forma com que cada casal lida com essas características.

Ainda que, em uma perspectiva sistêmica, as relações conjugais e familiares sejam dimensionadas circularmente, isto é, considerando-se que as respostas de um membro influenciam os outros, a família segue uma dimensão linear em relação ao tempo (Carter & McGoldrick, 2011). Assim, quando o estresse familiar é maior, como em momentos de transição do ciclo vital, os sintomas disfuncionais podem eclodir com maior intensidade. O fluxo de ansiedade do sistema familiar é “vertical” quando considera transmissões entre gerações, em termos de padrões de relacionamento e funcionamento, mitos, legados e segredos; e “horizontal” no que tange às mudanças naturais do ciclo vital, esperadas ao desenvolvimento, podendo ser predizíveis, como a adolescência e a saída dos filhos de casa, e imprevisíveis, como em morte prematura,

nascimento de uma criança deficiente, entre outros (Carter & McGoldrick, 2011).

Casais que optam por não ter filhos vivenciam o ciclo vital conjugal sem as etapas relacionadas ao crescimento de crianças. A partir de uma revisão na literatura sobre o tema, Maria Rios e Isabel Cristina Gomes (2009) identificaram que, apesar de os estudos apresentarem controvérsias, a sua maioria relata que essa escolha proporciona aumento da satisfação conjugal e também pessoal, já que o tempo que seria investido nos filhos pode ser empregado no próprio casal e nos desejos individuais. Apesar disso, podem estar presentes sentimentos ambivalentes e conflitos acerca da decisão, o que demonstra que qualquer que seja a escolha - ter filhos ou não - envolve algum grau de angústia (Rios & Gomes, 2009).

No caso dos casais com filhos, mesmo quando esperado pela família, o nascimento de uma criança pode gerar estresse à relação. A conjugalidade na transição para a parentalidade foi estudada qualitativa e longitudinalmente por Clarissa Menezes e Rita de Cássia Lopes (2007), a partir de casos múltiplos. Os resultados indicaram que as características da relação do casal antes da chegada do primeiro filho se mantiveram, dentro do possível para uma transição, estáveis após o nascimento. Assim, não se pôde atribuir ao acontecimento em si a responsabilidade por possíveis afastamentos ou aproximações afetivas, apenas a potencialização de padrões relacionais anteriores da díade. O envolvimento emocional prévio dos casais também teve influência sobre o desejo de manter a conjugalidade, apesar da esperada diminuição do romance nessa etapa, abrindo espaço para a vivência de novos sentimentos, como o companheirismo e a parceria entre a dupla. A construção dos papéis de pai e mãe também foi facilitada nos casais envolvidos emocionalmente antes da gravidez. As autoras ainda discutem que os homens com maior satisfação com a conjugalidade assumiram de forma mais significativa o papel de pai (Menezes & Lopes, 2007).

O estudo de José Augusto Hernandez e Cláudio Hutz (2009), também com delineamento longitudinal, comparou o ajustamento conjugal e emocional de 62 mulheres, antes e após o nascimento do primeiro filho. Os autores constataram significativo declínio, do pré para o pós-parto, na escala de ajustamento diádico (EAD) total e nas subescalas de satisfa-

ção diádica, coesão diádica e expressão de afeto. Para compreender esses impactos da transição para a parentalidade, foram feitas outras análises que indicaram a variável desajustamento psicossocial como preditora do declínio em satisfação diádica, e a depressão como preditora do declínio da coesão diádica. Com base na literatura, os autores refletem sobre a variável depressão da mãe ter influência no desajuste conjugal no pós-parto, bem como ser influenciada por ele, caracterizando uma relação de dupla interferência. Desse modo, o papel do parceiro nesse momento se mostra imprescindível para minimizar o estresse dessa fase. Já em relação aos escores totais do ajustamento conjugal, as participantes divididas como “desajustadas” (n=11) conjugais na gestação, apresentaram aumento significativo após o parto nos quesitos consenso diádico, satisfação diádica, expressão de afeto e ajustamento conjugal total. No grupo classificado como “ajustadas conjugais” (n=51) na gestação, porém, ocorreu o oposto: as médias declinaram após o parto nos itens consenso diádico, satisfação diádica, coesão diádica, expressão de afeto e ajustamento conjugal total. Esse resultado é discutido pelos pesquisadores como um possível período de “lua de mel com o bebê” das desajustadas conjugais, o que pode não se manter ao longo do tempo, retomando o desajuste anterior (Hernandes & Hutz, 2009).

Desse modo, além das questões relativas ao casal propriamente dito ao longo do ciclo vital, também é necessário considerar as modificações em termos de demandas dos filhos de acordo com o seu período do desenvolvimento. A coparentalidade, isto é, criação conjunta do filho, pode sofrer mudanças ao longo do tempo, a fim de atender às exigências do crescimento dos filhos, ou manter características estáveis, como as tendências individuais de encarar o problema culpando ou valorizando o parceiro parental, por exemplo (Augustin & Frizzo, 2015). As autoras ainda apontam algumas questões presentes no modo como cada sujeito participa e se responsabiliza pelos seus filhos, dentre elas as habilidades e sentimento de segurança para as tarefas, o seu interesse de envolvimento na criação dos filhos, o espaço que percebem na relação para se inserir na função parental, e o apoio mútuo entre o casal. Fica claro que existem infinitos desafios presentes na função parental, já que quando aspectos difíceis no início vão se tor-

nando conhecidos com o passar do tempo, novos percalços vão surgindo, gerando estresse e exigindo adaptabilidade da família (Augustin & Frizzo, 2015).

Esses movimentos do sistema-casal vão sendo acompanhados pelos filhos, o que pode ser visto como dramático para as famílias e o contexto social, já que impactam as relações familiares, sistemicamente (Rolim & Wendling, 2013). Em casais que vivenciam a conjugalidade e a parentalidade, observa-se, como subsistemas diferentes, porém interligados, que quanto maior a percepção de aliança parental, maior a satisfação e proximidade conjugal, assim como quanto maior a satisfação conjugal, maior a percepção de aliança parental (Teves, 2008). Dessa forma, diante dessas leituras, percebe-se que o relacionamento conjugal afeta o desenvolvimento emocional dos filhos, ao passo que as demandas dos filhos também impactam a relação do casal.

Uma investigação realizada após a passagem de algum tempo, com os filhos atingindo a idade escolar, por Nadir Helena Souza, Adriana Wagner, Bianca Branco & Claudete Reichert (2007), com quatro famílias de nível socioeconômico médio-alto de Porto Alegre, enfocou a estrutura e dinâmica de funcionamento dessas famílias, cuja característica comum era os filhos em idade escolar e o casal com dupla carreira. Predominou a visão de papéis de gênero tradicionais, com dificuldade dos cônjuges em flexibilizá-los. As tentativas de conciliar trabalho, casa e filhos mostraram-se efetivas para o funcionamento geral das famílias. Entretanto, o estudo destaca prejuízos na interação conjugal, que se torna secundária diante das outras exigências familiares. Nessa equação, aspectos como prioridades de cada cônjuge em termos de carreira e filhos, nível de contribuição na renda familiar e divisão de tarefas culminam na manifestação de lideranças e poderes nem sempre equilibrados, o que também contribui para impactos negativos sobre a proximidade conjugal. Essa fase do ciclo vital para famílias ocupadas em dupla carreira se mostra um desafio para a qualidade conjugal, sugerindo uma modificação contemporânea nas estruturas e dinâmicas familiares (Souza et al., 2007).

A continuidade do desenvolvimento culmina no adolecer, processo do qual a família participa diretamente, principalmente no que

concerne ao posicionamento do adolescente, que pode tornar-se questionador do funcionamento familiar, bem como passar a vivenciar outras características da faixa etária, como inseguranças, confusão, angústias e sentimentos de injustiça e incompreensão, dentre outros (Pratta & Santos, 2007). A respeito desse período, Marta Machado (2008) identificou que quanto maior a aliança parental, maior a coesão familiar e vice-versa, bem como a mesma correlação positiva entre aliança parental e adaptabilidade familiar. Durante a adolescência dos filhos, foi percebida maior aliança parental e adaptabilidade familiar do que nas demais etapas, o que a autora discute como uma estratégia do casal parental para lidar com essa fase crítica do desenvolvimento familiar (Machado, 2008).

Tem-se observado, em casais com filhos adultos, um aumento dos índices de divórcios, em dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), o que pode estar relacionado à vivência da etapa do “ninho vazio”, caracterizado pela saída da prole de casa. Isso porque as relações conjugais tidas como insatisfatórias, que se mantêm apenas com o intuito da criação dos filhos, perdem o sentido quando esses seguem suas vidas, e o casal que não conseguiu desempenhar com sucesso as tarefas evolutivas pode não encontrar maneiras de reestruturar a relação (Ribeiro, 2005). De encontro a essa situação, Ana Caroline Vieira e Paula Rava (2010), discutem a situação atual de muitas famílias de classe média, nas quais ocorre a permanência dos filhos por mais tempo do que outrora, caracterizando o “ninho cheio”, o que elas refletem como uma possível nova fase do ciclo vital familiar.

O estudo de Maria de Betânia Norgren, Rosane de Souza, Florence Kaslow, Helga Hammerschmidt e Shlomo Sharlin (2004), investigou os aspectos envolvidos na satisfação de casais com mais de 20 anos de união. Os autores encontraram, como variáveis favoráveis à satisfação, a presença da crença e prática religiosa buscada nos momentos de dificuldade da relação; o status socioeconômico, como uma variável contextual; a vontade mútua de investir na relação, buscando satisfazer as expectativas de ambos e conservando questões das individualidades, além de compartilhar interesses, buscar evitar sentimentos de tédio e repetição e visando a qualidade da re-

lação afetiva-sexual, alcançando maior coesão e adequadas estratégias para resolução de problemas; e a presença do sentimento de amor mútuo, que inclui habilidades de comunicação, consenso e flexibilidade para manter a proximidade emocional. É importante considerar que casamentos longos e estáveis não são sinônimos de casamentos satisfatórios, por isso os autores ressaltam a importância do *trabalho em equipe* na díade, a fim de aprimorar as questões que se mostram difíceis e deficitárias na relação para que o sucesso por estarem juntos por muito tempo não represente somente uma soma quantitativa, mas principalmente qualidade de vida (Norgren et al., 2004).

Considerando o movimento dos casais ao longo do ciclo vital, conforme o tempo de relacionamento, Inês Benkovskaia (2008) destacou a existência de uma “curva invertida”, na qual a satisfação conjugal, afetividade e proximidade estiveram mais presentes em casais jovens, com de dois a quatro anos de união, havendo um declínio que volta a crescer aos 15 a 19 anos de relação, voltando a diminuir apenas a satisfação e afetividade após 20 anos juntos, sendo que a proximidade nesse período apresentou médias semelhantes a dos casais jovens. Essa inclinação para oscilações também foi percebida em outro estudo sobre conjugalidade e filhos. Ao perceber a comunicação conjugal como única dimensão que apresentou mudança diante do ciclo vital em uniões com filhos, Susana Luz (2015) encontrou menores níveis de comunicação negativa em casais com até 5 anos de relacionamento, seguidos do aumento gradativo da comunicação negativa até os 10 anos de união, e o retorno ao decréscimo após 15 anos juntos, o que a autora não pôde associar com a idade dos filhos, concluindo que a conjugalidade se sobrepõe à parentalidade. Desse modo, a conjugalidade teria seu ciclo evolutivo próprio, seguindo fases que justificam esses ciclos em direção ao amadurecimento. Assim, para a autora, a comunicação dentro do casal é de suma importância para o desenvolvimento saudável da família como um todo (Luz, 2015).

Atualmente, verificam-se no Brasil estatísticas que corroboram esses dados visualizados na literatura sobre o impacto do ciclo de vida nos casais. Segundo o IBGE, dos divórcios registrados no ano de 2015, 42,65% tinham até 9

anos de união; 15,63% eram casais com 10 a 14 anos de união; 12,43% das relações de 15 a 19 anos de duração; 10,97% de 20 a 25 anos de união; e 18,09% tinham 26 anos ou mais juntos (IBGE, 2015). Também verifica-se, na mesma fonte, que do total de divórcios desse ano, 26,85% foram de casais sem filhos, e 73,12% com filhos. Não constam dados sobre as idades dos filhos de acordo com o tempo de relação, porém pode-se inferir que a maioria dessas famílias com até 9 anos de relação, as quais apresentaram o maior número de divórcios, estivessem com os filhos crianças. Após 10 anos de relação esse número cai consideravelmente até os 25 anos de casamento. Após 26 anos de união, as estatísticas de divórcio retomam um crescimento, porém sem tanta representatividade quanto no início das relações conjugais.

Constata-se que a conjugalidade tem sido explorada na literatura, especialmente em etapas específicas e em associação com a dimensão de parentalidade. Visto isso, o presente trabalho visa contemplar uma lacuna da literatura brasileira em relação a investigações que considerem a avaliação da conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital da família, visando comparar o amor, a qualidade e o ajustamento conjugal ao longo do tempo.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo, com delineamento comparativo entre grupos, conforme etapa familiar no ciclo evolutivo vital, a partir das seguintes categorias: 1) casais sem filhos; 2) famílias com filhos crianças (de 0 a 11 anos); 3) famílias com filhos adolescentes (de 12 a 21 anos); 4) famílias com filhos adultos (22 anos ou mais); e 5) famílias com filhos em diferentes faixas etárias.

Participantes

Este estudo contou com a participação de 372 pessoas, de ambos os sexos, residentes no Rio Grande do Sul/RS. A tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes do estudo.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados na coleta dos dados dos casais foram:

GRIMS - Golombok Rust Inventory of Marital State (Rust, Bennun, Crowe & Golombok, 1988), traduzido e adaptado ao português por Denise Falcke (2003): Inventário autoaplicável unidimensional que mede a qualidade do re-

Tabela 1. Caracterização da amostra

Características	Pessoas sem filhos	Pessoas com Filhos Pequenos	Pessoas com Filhos Adolescentes	Pessoas com Filhos Adultos	Pessoas com Filhos em Diferentes Faixas Etárias	
N	138	75	34	66	59	
Sexo	Homens	69	39	16	33	29
	Mulheres	69	36	18	33	30
Situação conjugal	Casados	54	41	19	56	26
	União Estável	81	32	14	9	21
Idade	Média	30,7	34,5	44,1	57,1	46,56
	DP	7,6	8,0	6,6	8,4	8,2
Tempo de relacionamento	Média	7,23	10,5	17,2	29,5	19,3
	DP	5,6	5,9	8,7	12,1	10,2
Escolaridade	Fundamental	4	4	2	11	9
	Médio	55	23	20	25	22
	Superior	71	46	10	26	20
Trabalha fora	Sim	121	64	29	45	46
	Não	14	9	2	18	11
Renda	Média	2902,68	3735,36	3238,65	4168,27	4391,69
	DP	3015,57	3798,41	2154,30	3398,57	7573,70

lacionamento conjugal, através de aspectos que são considerados importantes em um bom casamento: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. É constituído por 28 itens, como “Eu acho a ideia de passar o resto da vida com meu companheiro um tanto chata”, os quais o sujeito deve pontuar em uma escala Likert de quatro pontos (discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente). Na pontuação do inventário, verifica-se que quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas no relacionamento conjugal. A confiabilidade do instrumento foi testada na comparação entre população clínica e não clínica, através de dois métodos: split-half e coeficientes Alpha. Ambos procedimentos indicaram um alto nível de consistência interna entre os itens do GRIMS. Os coeficientes variaram de 0,81 a 0,94. No Brasil, o índice obtido foi de 0,91 (Falcke, 2003) e 0,889 no presente estudo.

DAS - Dyadic Adjustment Scale (Spanier, 1976), traduzido para o português por Rita Gomez e Isabel Leal (2008): Instrumento que investiga a percepção do relacionamento, avaliando quatro dimensões: consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto. O consenso (12 itens) se refere à percepção individual com aspectos do relacionamento e do nível de concordância do casal sobre várias questões básicas como: lazer, finanças, amizades, metas, objetivos, entre outros, como por exemplo Indique o nível de concordância ou discordância entre você e seu(sua) companheiro(a) sobre manejo das finanças. A satisfação (8 itens) mede as percepções individuais sobre possibilidade de divórcio/separação, bem estar, confiança, arrependimento, felicidade, compromisso e outros, como no item Circule o número que melhor descreve o grau de felicidade, considerando todas as coisas de seu relacionamento. A coesão (5 itens) avalia o grau de compartilhamento emocional e mede as percepções individuais frente a engajamento mútuo, como trabalhos e projetos conjuntos, ideias, discussões, entre outros. Um exemplo de item é Você e seu companheiro compartilham de outros interesses fora da relação de casal? Já a expressão de afeto (5 itens), diz respeito à percepção de concordância do casal sobre demonstrações de afeto e relações sexuais, por exemplo, Indique o nível de concordância ou discordância entre você e seu(sua) companheiro(a) sobre demonstrações

de afeto. Sendo assim, o instrumento é composto por 32 itens (30 dos quais em escala likert de 6 pontos e 2 itens com respostas de sim e não). A escala likert de seis pontos varia em diferentes blocos de questões. Para um bloco varia de “Discordamos sempre” a “Concordamos sempre”, para outro bloco de “Todo tempo” a “Nunca” e ainda, em outras questões, de “Nunca” a “Muito Frequentemente”. Na pontuação da escala, avalia-se que quanto maiores os escores obtidos, melhor é o ajustamento do relacionamento conjugal. A escala apresenta bons índices de confiabilidade, com alfa para a escala global de .897 e variando .655 e .849 para as quatro sub-escalas (Gomez & Leal, 2008). No presente estudo, apresentou alpha de Cronbach de 0,92 no total e 0,89 para consenso, 0,76 para satisfação, 0,73 para coesão e 0,68 para afeto.

ETAS - Escala Triangular do Amor (Sternberg, 1989), traduzido por Vicente Cassepp-Borges e Maycoln L. M. Teodoro (2007): Instrumento que avalia a percepção do sujeito em relação ao seu relacionamento amoroso, nas dimensões intimidade, paixão e decisão/compromisso. É composta por 45 afirmativas que devem ser respondidas em uma escala likert que varia de um (de jeito nenhum) a nove (extremamente). A intimidade (15 itens) se constitui pelo sentimento de proximidade e conexão no relacionamento, por exemplo no item “Eu divido intensamente meus assuntos pessoais com _____”. A paixão (15 itens) é o componente que rege a atração física e sexual, responsável pelo romance, desejo de estar junto e pela excitação, como no item “Minha relação com _____ é apaixonada”. Já a decisão/compromisso (15 itens), diz respeito a certeza de amar e ser amado e a vontade de manter o relacionamento em longo prazo, como por exemplo “Tenho confiança na estabilidade do meu relacionamento com _____” (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). Na pontuação da escala, verifica-se que quanto maiores os escores obtidos, melhor o relacionamento conjugal nas dimensões investigadas. A escala apresentou um coeficiente Alfa de Cronbach maior de 0,90 (intimidade = 0,94; paixão = 0,93; decisão/compromisso = 0,96) (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007). No presente estudo, os alfas foram: intimidade (0,93), paixão (0,93) e decisão/compromisso (0,93).

Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

A coleta dos dados foi feita por integrantes do NEFAV (Núcleo de Estudos de Família e Violência). A seleção dos participantes foi por conveniência, através de indicações de pessoas conhecidas, com o critério único de inclusão de estarem casados há mais de 6 meses de forma oficial ou não. Também se solicitou a indicação de outras pessoas pelos próprios participantes, constituindo uma amostragem por bola de neve. Foram respeitados os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos sob a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos sob o Parecer 09/117. A coleta ocorreu no local indicado pelos participantes, na maior parte das vezes a residência deles ou seu local de trabalho. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados dos questionários foram digitados e trabalhados através do programa estatístico SPSS versão 22.0, com o teste paramétrico ANOVA, a fim de obter a comparação entre os grupos e análise de correlação de Pearson, para verificar associação entre variáveis.

áveis. Considerou-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Resultados e Discussão

A análise dos dados revelou que não houve correlação significativa entre as dimensões da conjugalidade e o tempo de relacionamento ($p > 0,05$). No entanto, diferenças significativas foram encontradas na comparação entre grupos conforme as etapas do ciclo evolutivo vital (Tabela 2).

De acordo com os resultados da tabela 2, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões de qualidade conjugal (GRIMS), ajustamento conjugal (DAS Total) e suas subescalas de coesão e afeto, amor total (ETAS) e suas subescalas de paixão e intimidade. Na qualidade conjugal, considera-se que maiores pontuações indicam mais problemas conjugais. Sendo assim, a etapa de família com filhos pequenos foi a que apresentou pior pontuação na comparação com as demais, enquanto que pessoas com filhos adolescentes ou com filhos em diferentes faixas etárias apresentaram melhor qualidade conjugal.

Tabela 2. Resultados do Teste ANOVA

Dimensões	Pessoas sem filhos	Pessoas com Filhos Pequenos	Pessoas com Filhos Adolescentes	Pessoas com Filhos Adultos	Pessoas Com filhos em Diferentes Faixas Etárias	F	P
GRIMS	25,89	30,22	24,85	28,35	24,85	2,580	0,038*
DAS	142,4	138,6	151,5	144,7	145,3	3,865	0,004*
Consenso DAS	72,99	72,23	77,06	74,24	75,79	2,367	0,053
Satisfação DAS	41,33	39,66	42,16	40,90	41,06	2,162	0,073
Coesão DAS	20,23	19,36	22,38	20,78	20,32	4,291	0,002*
Afeto DAS	18,23	17,02	19,22	18,09	18,07	5,518	0,000*
Intimidade ETAS	119,2	113,7	122,4	115,3	119,8	2,652	0,033*
Paixão ETAS	112,0	103,1	115,7	107,7	109,9	3,477	0,008*
Compromisso ETAS	121,7	115,9	124,7	120,5	122,1	2,320	0,057
Amor Total ETAS	351,4	331,5	364,9	347,9	355,4	3,223	0,013*

O ajustamento conjugal também teve pior nível nas pessoas com filhos pequenos e maior pontuação foi obtida por pessoas com filhos adolescentes. Destaca-se que, das dimensões do ajustamento conjugal, coesão e afeto foram as que impactaram na medida, não tendo sido reportadas diferenças estatísticas significativas nas dimensões de satisfação e consenso ($p>0,05$).

Com relação ao amor, maior pontuação foi obtida pelas pessoas com filhos adolescentes, seguida das pessoas com filhos em diferentes faixas etárias, pessoas sem filhos, pessoas com filhos adultos e, por fim, pessoas com filhos pequenos. As dimensões que impactaram nessa medida foram intimidade e paixão. Não foi observada diferença significativa na dimensão de decisão/compromisso, considerando as diferentes etapas do ciclo vital.

Os dados acima apresentados sugerem movimentos nos relacionamentos dos casais investigados, comparativamente, em relação ao ciclo vital familiar. As famílias funcionais são aquelas que conseguem se abrir para novas experiências, equilibrando individualidade e autonomia e abandonando estratégias ineficazes de resolução de problemas ao longo do ciclo de vida. Todas as famílias possuem uma estrutura, que engloba as exigências funcionais que vão organizar as interações entre os membros. Fazem parte dessa estrutura os subsistemas, que são subgrupos dentro da família, muitas vezes organizados por posições hierárquicas. O subsistema conjugal inclui os cônjuges, e o parental é composto pelos cuidadores dos filhos, exercendo uma democracia com liderança (Nichols & Schwartz, 2007). Nos casos considerados nesse estudo, os subsistemas conjugal e parental são constituídos pelas mesmas pessoas, o que contribui para a possibilidade de mistura dos papéis, e conflitos. Somando-se a esse desafio o poder desorganizador das transições, a conjugalidade é constantemente testada no cotidiano familiar (Carter & McGoldrick, 1995/2007) e os dados revelam o quanto a parentalidade parece impactar na conjugalidade.

Nesse sentido, os achados confirmam a literatura que aponta o impacto da chegada dos filhos e da demanda de crianças pequenas para a conjugalidade (Hernandes & Hutz, 2009; Menezes & Lopes, 2007; Souza et. al., 2007), sendo essa a etapa com os menores índices de amor, ajustamento e qualidade conjugal. Tal

dificuldade pode ser explicada pela intensa exigência de adaptações nessa primeira fase, gerando estresse até mesmo para casais que se planejaram para vivê-la (Carter & McGoldrick, 1995/2007; Augustin & Frizzo, 2015).

Por outro lado, surpreendem os melhores níveis de amor, ajustamento e qualidade conjugal na etapa da adolescência dos filhos, muitas vezes considerada como uma fase repleta de conflitos familiares, propiciados pelo “adolescer” e todos os seus conhecidos desafios (Pratta & Santos, 2007). Nesse sentido, pode-se pensar que, frente à conflitiva adolescente em busca de sua própria identidade e potencialização da relação com o grupo de pares, haja uma reaproximação do casal como estratégia para lidar com as crises advindas desse período, como destaca Machado (2008), talvez com uma menor exigência de tempo disponível aos filhos e conseqüente reinvestimento na relação conjugal.

Os casais sem filhos apresentaram suas melhores pontuações em termos de afeto, intimidade e paixão. Esses resultados vão ao encontro do estudo de Inês Vieira Benkovskaia (2008) no qual os casais sem filhos apresentaram, em relação aos com filhos, níveis mais elevados de satisfação e afetividade, entre 10 e 14 anos de união, e proximidade entre dois e quatro anos de união. Esses dados, apesar de não serem unânimes nessa etapa do ciclo vital, como visto em Rios e Gomes (2009), podem ser explicados pela maior oportunidade de investimento afetivo direcionado à relação conjugal, o que nos casais com filhos precisa ser distribuído também na função parental.

Ainda no trabalho de Inês Vieira Benkovskaia (2008) os casais com a afetividade mais insegura foram os com filhos e mais de 20 anos de união. Diferentemente, no presente estudo, as famílias com filhos adultos tiveram pontuações médias na qualidade do relacionamento, intimidade, paixão e amor, o que remete a um amadurecimento da relação, após terem passado os períodos mais críticos do desenvolvimento do casal e dos filhos (Augustin & Frizzo, 2015; Sattler et. al., 1999), indicando possível estado de boa preparação ao retorno da vida a sós, com a saída dos filhos de casa no ninho vazio.

Não se pode precisar dados específicos sobre quais fases estão envolvidas nos grupos de famílias com filhos em diferentes faixas etá-

rias. Entretanto, esses demonstraram bons escores nos itens medidos, considerando-se o desafio de conciliar diferentes fases do ciclo vital, concomitantemente.

A partir de todas essas informações, fica evidente o caráter sistêmico que envolve ciclo vital, parentalidade e conjugalidade, sendo complexa a dissociação dos fenômenos. A proposta desse estudo de olhar para a conjugalidade ao longo do ciclo vital ofereceu importantes reflexões sobre a influência das fases de vida dos filhos sobre os aspectos investigados da díade, a saber amor, ajustamento e qualidade conjugal. Por esse motivo, ressaltou-se a importância de habilitar os casais para lidarem com as transições desafiadoras da vida familiar, já que intervenções preventivas poderiam minimizar os impactos negativos que esse e os outros estudos mencionados trazem. Programas a nível primário são necessários, visando buscar os recursos positivos que cada sistema familiar possui e ressaltando, principalmente, as capacidades do par conjugal, a fim de que se tornem um par parental ajustado e consigam distinguir um subsistema do outro (Nichols & Schwartz, 2007). Esse estudo acrescentou à literatura a consideração de que tanto aspectos do desenvolvimento do casal, quanto do desenvolvimento dos filhos, podem ser fortes percalços para a qualidade de vida conjugal e familiar, influenciando-se mútua e sistemicamente.

Conclusão

É inegável que a vida a dois tem seus desafios. É também inegável que o tempo exerce seu papel na manutenção da conjugalidade com qualidade. Mais inegáveis ainda são as demandas concernentes à constituição de uma família com filhos. Sendo assim, a conjugalidade requer investimento ao longo do ciclo evolutivo vital. A rotina, os problemas e os percalços são muitos, porém o objetivo maior que a sociedade brasileira como um todo precisa ter é tornar a família uma instituição sólida, que seja capaz de dar conta das demandas dos indivíduos nela envolvidos. Desse modo, o presente estudo destaca a necessidade de um olhar cuidadoso dos profissionais da saúde e assistência social, especialmente para as fases iniciais do ciclo evolutivo vital, que podem impactar a conjugalidade, estendendo-se, se não houverem intervenções, para as subsequentes. Estratégias de in-

vestimento no vínculo conjugal, concomitante à criação dos filhos pequenos, podem ser importantes ferramentas para a manutenção da saúde familiar como um todo no decorrer do ciclo vital.

O presente estudo apresenta como limitação o recorte transversal, comparando grupos de pessoas diversas, que se encontram nas diferentes etapas do ciclo evolutivo vital. Estudos longitudinais, com acompanhamento de casais ao longo do ciclo vital poderiam proporcionar um panorama mais preciso sobre a evolução da conjugalidade no decorrer das diferentes etapas. Além disso, também foram limitações a amostra por conveniência e os instrumentos autoaplicáveis. Sugere-se futuras investigações e o desenvolvimento de intervenções psicossociais que atentem para a dimensão da conjugalidade nas famílias com filhos pequenos, de modo a reverberar nas demais etapas evolutivas, destacando os benefícios que bons níveis de satisfação e qualidade conjugal podem trazer para o exercício da parentalidade sendo, sistemicamente, o contrário também verdadeiro.

Referências

- Augustin, Débora & Frizzo, Giana B. (2015). A coparentalidade ao longo do desenvolvimento dos filhos: estabilidade e mudança no 1º e 6º ano de vida. *Interação em Psicologia*, 19(1), 13-24. <https://doi.org/10.5380/psi.v19i1.29239>
- Benkovskaia, Inês V. (2008). *Satisfação conjugal, afetividade e proximidade ao cônjuge: diferenças entre casais com filhos e sem filhos e ao longo dos anos de relação*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/703>
- Carter, Betty & McGoldrick, Monica (1995/2007). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2a ed.) Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cassepp-Borges, Vicente & Teodoro, Maycoln (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722007000300020>
- Falcke, Denise (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da satisfação conjugal*. Tese de Doutorado inédita, PUCRS.
- Gomez, Rita & Leal, Isabel (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão

- portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 26(4), 625-638.
- Hernandez, José Augusto E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300021>
- Hernandez, José Augusto E. & Hutz, Cláudio S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico PUCRS*, 40(4), 414-421. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1490>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *Estatísticas de Registro Civil*. Rio de Janeiro: IBGE®. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/registro-civil/quadros/brasil/divorcios>
- Luz, Susana K. (2015). *Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida*. Dissertação de Mestrado inédita, Unisinos. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4942>
- Machado, Marta M. E. (2008). *Aliança parental, coesão e adaptabilidade familiar ao longo do ciclo vital da família*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/744>
- Menezes, Clarissa C. & Lopes, Rita de Cássia S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *PsicoUSF*, 12(1), 83-93. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712007000100010>
- Mosmann, Clarisse P.; Wagner, Adriana & Féres-Carneiro, Terezinha (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2006000300003>
- Narciso, Isabel & Costa, Maria Emilia (2001). Percursos de mudança na qualidade conjugal - fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/15538>
- Nichols, Michael & Schwartz, Richard (2007). *Tераpia familiar: conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Norgren, Maria de Betânia P.; Souza, Rosane M. de; Kaslow, Florence; Hammerschmidt, Helga & Sharlin, Shlomo A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2004000300020>
- Pergher, Nicolau K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Perspectivas em análise do comportamento*, 1(2), 116-129. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v1n2/v1n2a05.pdf>
- Pratta, Elisângela Maria M. & Santos, Manoel Antônio dos (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>
- Ribeiro, Maria Tereza S. R. (2005) Casais de meia idade: Estudos com casais portugueses numa perspectiva sistêmica. *Psicologia*, 19(1-2). Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v19n1-2/v19n1-2a04.pdf>
- Rios, Maria G. & Gomes, Isabel Cristina (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 215-225. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/09.pdf>
- Rizzon, Ana Letícia C.; Mosmann, Clarisse P. & Wagner, Adriana (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Rolim, Kamêni I. & Wendling, Maria Isabel (2013). A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Psicologia Clínica*, 25(2), 165-180. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200010>
- Rust, John; Bennun, Ian; Crowe, Michael & Golombok, Susan (1988). The Golombok Rust Inventory of Marital State. Windsor: NFER-NELSON.
- Sattler, Marli K.; Eschiletti, Laíssa L.; Bem, Laura A. de & Schaefer, Márcia (1999). O ciclo de vida do casal. *Pensando Famílias*, 1, 41-47. Disponível em: <http://www.domusterapia.com.br/site/files/PFamílias1CiclodeVidaSattler.pdf>
- Scorsolini-Comin, Fábio & Santos, Manoel Antônio dos (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>
- Souza, Nadir Helena S. de; Wagner, Adriana; Branco, Bianca de M. & Reichert, Claudete B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos. *Aletheia*, 26, 109-121. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a10.pdf>

Spanier, Graham. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28. Disponível em:

<http://trieft.org/wp-content/uploads/2010/09/DAS%2BArticle.pdf>

Sternberg, Robert. J. (1989). *El triángulo del amor: intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona: Paidós.

Teves, Carolina M. (2008). *Uma viagem entre satisfação e proximidade conjugais e aliança parental*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa. Disponível em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/12421078.pdf>

Vieira, Ana Caroline S. & Rava, Paula G. S. (2010). Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? *Barbaroi*, 33, 118-134. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a08.pdf>



DAIANE WILTGEN TISSOT

Psicóloga, graduada pela FACCAT. Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Integrante do grupo NEFAV (Núcleo de Estudos de Família e Violência). Psicóloga clínica.

DENISE FALCKE

Psicóloga, doutora em Psicologia, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Coordenadora do NEFAV (Núcleo de Estudos de Família e Violência).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

daianewtissot@gmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Wiltgen Tissot, Daiane & Falcke, Denise (2017). A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar. *Quaderns de Psicologia*, 19(3), 265-276. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1399>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 02-03-2017

1ª Revisión: 19-06-2017

Aceptado: 28-08-2017